

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

5. ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)	PORTO—15 DE MAIO DE 1881	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (ESTRANGEIRO)	N.º 4
	Trimestre..... 350 réis	ESCRITORIO—SANTA CATHARINA, 406, 4.º	Trimestre..... 600 réis	
	Semestre..... 700 "		Semestre..... 1200 "	
	Anno..... 1400 "		Anno..... 2400 "	

ARMAMENTO DO BOMBEIRO

Como armamento de combate deve fazer parte do uniforme do bombeiro, entre outro material, o machado de lamina e bico. São tão variadissimos os feitios e dimensões, quantas são as companhias de incendios, pois que não ha, pelo menos no nosso paiz, um modelo geralmente adoptado e officialmente reconhecido como melhor. E tanto isto é verdade que não raras vezes se encontram differentes porções de machados na mesma companhia.

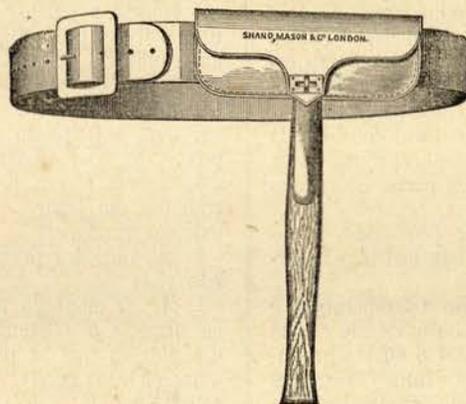
Tão util e indispensavel como é esta peça do uniforme de bombeiro, não deveria merecer por certo tão pouca attenção e quasi nenhum escrupulo na escolha, como temos tido tantas occasiões de presenciar. Se para os leigos no difficilissimo mister do bombeiro, possa parecer á primeira vista, que o pezo, tamanho o formato do machado, nada pôde influir para o bom ou mau resultado das manobras especiaes a que é destinado, tanto para as de combate, como de defeza, diremos que se enganam completamente. Demonstremos. Se o pezo fôr excessivo não só não poderá o bombeiro apresentar-se com aquella celeridade que é para desejar, como lhe difficulterà os movimentos, fatigando-o tambem mais facilmente e em mais curto espaço de tempo. Não deverá, igualmente, ser tão leve que não possa corresponder ao fim a que é destinado, por falta de pezo apropriado. O tino e conhecimentos praticos, não só do fabricante, mas de quem os adopta, deverão servir de guia n'este ponto, como nos demais.

Em quanto ao tamanho, tambem deverá attender-se, que sendo estes machados manobrados com uma só mão e tendo o bombeiro de entrar por janelas e outras aberturas estreitas, deverá o comprimento ser regulado por forma que o não estorve ou impossibilite de trabalhar com bom resultado.

Posto que o formato pareça a qualidade que menos attenção deve merecer, é comtudo tão importante, como qualquer dos outros requisitos a que já nos referimos. A volta e disposição da lamina e do bico, influem muitissimo para que as portas, caixilhos, fechaduras etc., sejam arrombados promptamente e com menos esforço.

A todos estes requisitos attenderam os constructores inglezes de material contra incendios, por seu *motu proprio* e deliberação, ou por indicações de pessoas competentes e auctorizadas em tal assumpto. Outro tanto não podemos dizer a este respeito, não só dos francezes, mas muito principalmente dos allemães. Com especialidade estes ultimos, adoptaram tão extravagantes formatos que nos custa a crer que houvesse companhias de incendios n'aquelle paiz que os adoptasse.

A nossa estampa representa um machado inglez com a competente bolsa de reguardo e respectivo cinturão, fabricando pelos acreditados constructores de bombas e outro material os srs. Shand, Mason & C.º de Londres. E', na nossa opinião, o melhor machado de que temos conhecimento, porque reúne todos os predicados que julgamos indispensaveis para corresponder cabalmente ao fim a que é destinado.



Foi o modelo que a corporação dos boombeiros voluntarios do Porto adoptou desde a sua instituição e temos visto ser tambem preferido depois por outras companhias que se instituiram ou foram reorganizadas.

Não deixa tambem de ser de grande utilidade e conveniencia a bolsa de resguardo, cujo systema, posto que não seja tão bonito ou elegante como as guardas de metal de que uza a companhia municipal d'esta cidade, é com certeza mais util e commodo

do que aquelle como é desnecessario demonstrar.

Estão em via de organização varias companhias contra incendios: que ellas prestem a sua attenção para estas e outras minudencias que muito contribuirão para a sua verdadeira efficacia no cumprimento da nobre missão que vão encetar, é o que sinceramente desejamos.

O SERVIÇO CONTRA INCENDIOS NOS NOSSOS THEATROS

No nosso proximo numero occupar-nos-hemos de-tidamente da continuação do artigo encetado no nosso

ultimo numero, o que não podemos fazer já por circunstancias alheias á nossa vontade.

Socorro contra fogo

MEIOS PRATICOS PARA A EXTINCCÃO DOS INCENDIOS E
SALVAÇÃO DE PESSOAS E HAVERES

(Continuado do n.º 3)

Ventilação das minas sob o ponto de vista das solturas normaes

Mas o verdadeiro meio preventivo dos sinistros de que tratamos é, primeiro que tudo, o emprego d'apparelhos aperfeiçoados de ventilação. Uma corrente d'ar bem estabelecida faz desaparecer as principaes causas d'inflamação e explosão, levando o *grisou*, a poeira e a humidade e refrescando a atmosphaera da mina.

Uma má ventilação pôde ser a causa predominante de terriveis accidentes. Como exemplo citaremos a memoravel explosão succedida em 1869 na Inglaterra, e que fez 450 victimas.

A mina em questão tem dous poços cujos orificios tem diferentes attitudes. Produz-se assim naturalmente uma corrente d'ar sem auxilio de foco ou ventilador mecanico algum. Ora, no dia da catastrophe um dos poços estava quasi fechado por um estrado provisório que fôra estabelecido para fazer alguns reparos e em baixo estavam os operarios todos munidos de lampadas comuns. São conhecidas as terriveis consequencias.

Como principio, a ventilação natural considerada como meio unico de purificar a atmosphaera d'uma mina onde haja o *grisou*, deve ser posta de parte. São precisas machinas de ventilação energicas, capazes de augmentar ou diminuir o volume d'ar produzido, attendendo ás variações termometricas e barometricas observadas no interior das hulheiras.

Uns aparelhos que registassem a temperatura e a pressão atmospherica collocados ao alcance do agente encarregado da ventilação, marcariam o effeito produzido por ella se se não podêr para de futuro fazer-lhes regular automaticamente a marcha dos ventiladores.

Na mesma ordem d'ideas, quizeriamos vêr instalar indicadores ou preventores que denunciasssem a presença até de fraquissimos vestigies de *grisou* em todas as testadas e em todos os pontos dos trabalhos onde este gaz tende a accumular-se lentamente. Não faltam aparelhos d'esse genero reunindo as condições de sensibilidade e simplicidade desejadas. Conhecemos alguns que, como principio, funcionando por percussão, poderiam até ser montados n'um alvião de experiencia. E' pois possivel o dispensar analyses chimicas multipas recommendadas por certos sabios, com o fim de obter a toda a hora indicações exactas sobre a composição do ar nas diferentes partes das galerias. Essas operações minuciosas exigiriam a mais, cuidados e tempo pouco compatíveis com a pratica da exploração.

De tudo o que acabamos de ver, pôde concluir-se, a menos que se não dêem acontecimentos fortuitos, que o *grisou* que se solta d'uma maneira uniforme e continua, pôde ser tornado inoffensivo e só causar pequenos accidentes sem consequencias desastrosas.

Precauções a tomar para dominar os riscos d'irrupções instantaneas do *grisou*

Não se dá infelizmente o mesmo com a irrupção repentina do gaz contido em antigos trabalhos abandonados ou no que se chama *volcões* ou *bolsas* de *grisou*.

O gaz inflammavel acha-se muitas vezes n'uma pressão muito alta n'estes reservatorios, d'onde foge de repente, quando uma causa qualquer, um desmoronamento, um tiro de polvora ou uma pancada d'alvião, por exemplo, lhes enfraquece as paredes. Um abaixamento precipitado na columna barometrica, a abertura d'uma comunicação nova entre os trabalhos e o ventilador, bastam para crear na mina uma depressão capaz de determinar a soltura instantanea do *grisou*.

N'estas terriveis catastrophes, a corrente de gaz combustivel, mistura de *grisou* e de pó de carvão, atea o fogo ora no interior, ora no exterior das galerias e semea a morte nos trabalhos subterraneos projectando-se com força, despedaçando e queimando tudo o que encontra na passagem.

Para evitar os accidentes devidos á accumulção dos gazes no interior de trabalhos antigos, sobretudo quando estes não são aterrados convenientemente, seria bom estabelecer uma comunicação permanente d'esses trabalhos por certos pontos com a corrente de ventilação da mina que se explora.

E em verdade que fechando completamente os madeiramentos abandonados, produz-se n'elles uma tensão maior que a pressão atmospherica, visto que o *grisou* se produz seja qual fôr essa pressão e que os gazes presos tendem a escapar-se logo que podem abrir caminho. Parece, pois, racional deixar os antigos trabalhos em equilibrio de pressão com o ar, permitindo a livre sahida do *grisou* ao par e passo que se fôr soltando.

Por outro lado, visto parecer impossivel determinar com anticipação certas posições da hulha onde se possa suspeitar a existencia de *bolsas* de *grisou*, é indispensavel tomar precauções particulares quando se trabalha em logares suspeitos e o corte ser feito com extrema prudencia.

As medidas preventivas que logo saltam ao espirito são:

1.º O emprego muito judicioso da polvora onde se suspeita a existencia do *grisou*. O grande numero d'explosões que se produzem ao mesmo tempo que a extracção das minas, ou porque esta operação solte arrebataadamente o *grisou* preso, ou porque a inflamação dos cartuchos communique o fogo ao meio detonante, exige que experiencias bem conduzidas venham elucidar a questão de saber se todo o emprego de polvora e dinamite não deveria ser excluido nas hulheiras onde haja o *grisou*, para ser substituido por meios exclusivamente mecanicos com risco de sacrificar a productividade á segurança dos trabalhos: no caso negativo se a substituição da faisca electrica na mecha ou rastilho na exploração das minas não diminuiria os riscos d'explosão.

2.º Fazer sondagens preliminares, praticadas de tal modo que sem abalar de mais a massa da hulha, se dê sahida ao gaz comprimido por um orificio muito fraco. Os furos da sonda brocados rapidamente a profundidades variaveis poderiam receber um tubo de ferro hermeticamente junto ás paredes da cavidade, por meio de uma bucha. Esses tubos providos de torneiras e manometros, fariam conhecer a pressão e produção do *grisou* na camada atravessada.

Praticadas de distancia em distancia, essas brocas

dariam indicações preciosas sobre a constituição do carvão a extrahir e sobre a composição dos gases que contém. Em muitos casos denunciariam o perigo muito a tempo de se prevenir.

(Continua).

O BOMBEIRO HAVARD

Referindo-se a este malogrado bombeiro que morreu no seu posto, diz o coronel Paris no seu relatório:

«Desde as sete horas da manhã que o sr. Jaluzot, proprietario do *Printemps*, nos tinha indicado o local do seu gabinete e supplicado que fizéssemos o impossível para o salvar. Ao passo que fazíamos bater as janellas do lado de fóra, installavamos no seu plano do lado E, uma agulheta de bomba a vapor. Os homens que a seguravam estavam no patamar da escada ou perto d'elle, posto perigoso em verdade mas o unico d'onde se podiam avistar os muros interiores do gabinete e começar a tentativa de cortar o fogo. N'um momento dado uma rajada de vento precipita-se no edificio: uma chama enorme sae por todas as janellas do *boulevard Hausman*. Os sapadores veem-se obrigados a saltar sobre as sacadas e de se arriar pelas escadas se as tem ou a precipitar-se sobre os passeios com risco de se despedaçarem, abandonando agulhetas e mangueiras que o fogo apanha. Na bomba a vapor nota-se sensível alteração na expulsão da agua. O machinista e um dos seus homens escalam a casa para vér o que seria feito da agulheta e acham o sapador que a manejava enterrado até á cinta nos escombros em fogo da escada que se desmoronára. A permanencia ali era impossível. Os escombros queimam-lhes os pés. Saltam para a varanda. Chama um official e expõem-lhe rapidamente a situação. O official sobe com outro sapador e com uma agulheta com que refresca os escombros para poderem ficar sobre elles. Agarram Havard pela farda: despedaçam-se: puxam-n'ó pelo cinto: está carbonizado e cede. Tentam arredar os escombros que o prendem: queimam os dedos até fazer sangue. Então o sargento tem uma idéa: desce ao andar inferior com dous homens, uma agulheta e uma alavanca: colloca duas mezas uma sobre a outra no sitio onde deve estar Havard: o agulheta refresca esse sitio: o sargento e o sapador trepam sobre as mezas e arrombam o tecto por cima da sua cabeça. A agua abafa-os: o fumo asphixia-os: trabalham: o tecto cae-lhe em bocados sobre a cabeça: trabalham ainda: os muros estalam e o fogo invade aquelle compartimento: trabalham sempre. Afinal, Havard solto de cima e solto de baixo, cahe-lhes nos braços. Pegam n'elle, levam-n'ó para a varanda e descem-n'ó por uma corda. Durou este trabalho *vinte e cinco minutos*.

A' agulheta estavam quatro homens: um *caporal*, um antigo sapador e dois sapadores modernos do ultimo contingente. Ao primeiro estalido do soalho, o *caporal* e o sapador antigo dão um salto formidavel e precipitam-se pela porta: cabem nos escombros incendiados, levantam-se e descem pela escada, crestados, pisados, contusos, mas salvos: um dos sapadores novos faz o mesmo mas escolhe mal a direcção, salta para a janella, d'ahi para a rua e quebra uma perna. O pobre Havard hesita um segundo, um só!!! era a primeira vez que trabalhava n'um fogo. Esse segundo foi a morte.»

Correspondencias

LISBOA, 29 DE ABRIL DE 1881

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

No dia 8 do corrente houve um incendio na loja do predio do pateo do Tijolo n.º 40, proximo do Alto do Longo, onde vivia uma vendedeira de nome Luiza Alves, com dois filhos menores que correram grave risco de vida, sendo salvos a muito custo por Alfredo João Placido da Silva. A vendedeira tinha sabido deixando em casa os filhos fechados como costumava, e parece que foram estes os causadores do sinistro que lhes ia custando a vida.

Perto do local fica a estação d'um carro, mas aquella hora não havia alli pessoal algum, o que deu causa á demora dos soccorros e a conflictos que urge evitar.

Existindo telephones nas estações dos incendios, estando todas em communicação, parecia razoavel que a camara municipal mantivesse nas ditas estações pessoal permanente, remunerado, dia e noite, para não se repetir o facto que hontem se observou e que foi geralmente commentado com muito disfavor.

E' de esperar que as providencias que o caso reclama se não façam desejar.

— Tambem no dia 10 do corrente, á noite, ardeu a fabrica mechanica de serralharia do sr. José Luiz Correia, na rua 24 de Julho, proximo da Rocha do Conde de Obidos. Perda quasi total. Estava segura na companhia Tagus em 11:000\$000 réis. A propriedade pertencia á sr.ª condessa de Villa Real. Acudiu e trabalhou o pessoal e material d'aquelle districto, assim como o de alguns navios de guerra. Houve de principio falta de agua. Os trabalhos proseguiram durante a noite, terminando pelas 11 horas da manhã do dia seguinte.

— O sr. governador civil gratificou com dez libras o sr. Alfredo João Placido da Silva, que salvou as duas creanças em risco do fogo na loja sita no pateo do Tijolo. Foram dadas por conta de elle, que quiz gratificar do seu bolsinho o acto humanitario praticado com tamanha dedicacção. Receberá tambem de certo a medalha de prata.

— Para apanhar uns *pombos* que desertaram da casa paterna, via-se arvorada, um d'estes dias, uma escada do serviço dos incendios contra as janellas do 3.º andar d'um predio da rua da Travessa da Boa-Hora. Receiava-se que os pombos ao bater a asa viessem parar á rua. O caso original alvorotou a visinhança do sitio que suppoz ser incendio, quando apenas se tratava de lançar agua n'um fogo... de amor.

— Esquecia-me tambem noticiar-lhes um incendio que no dia 11 do corrente, pelas 2 horas e meia da tarde, se declarou em uma porção de pinho dentro da fabrica de fiacção e tecidos lisbonense, á Junqueira. Dos soccorros publicos a primeira bomba que se apresentou a combater o incendio foi a dos bombeiros voluntarios de Belem, e em seguida a n.º 4 do concelho, que ganhou o premio. Quando estas machinas chegaram, já funcionavam a bomba do estabelecimento e a da fabrica Daupias. Os prejuizos são pequenos. Foram de Lisboa as bombas n.ºs 11 e 13 e os carros 25 e 38, que avançaram por ordem do inspector geral de Lisboa, sr. Barreiros. Ficou contuso o soldado 413 da 3.ª companhia

dos aggregados por ter caído sobre uma carreta. A fabrica está segura em cinco companhias. Segundo me contaram, á porta da fabrica, houve uma altercação entre o gerente o sr. Nery e os empregados da inspecção a quem aquelle senhor negava a entrada, o que parece não é a primeira vez que succede. Seria conveniente que se fizesse comprehender ao sr. Nery a differença que vae de salteadores a bombeiros, o que aquelle sr. parece não conhecer.

—Foram agraciados com a medalha de prata os srs. Eduardo Augusto dos Santos Rodrigues e Antonio Rodrigues Izidro, bombeiros municipaes.

C.

PONTA DELGADA, 30 DE ABRIL DE 1881

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

Effectuou-se no domingo, 24 do corrente, a primeira recita dada pelos bombeiros voluntarios para socorrer os pobres da Povoação. Foi brilhante o exito colhido por aquella corporação, e a platéa applaudiu-a com enthusiasmo.

Por occasião de se levantar o panno, o socio honorario, o sr. Filomeno Bicudo recitou uma excellente poesia, offerecida pelo seu auctor o sr. dr. Francisco Affonso Sanches de Gusmão, á Associação.

As recitas continuarão por mais algum tempo, destinando-se ao mesmo fim, e mais tarde dará esta corporação algumas mais em beneficio do Asylo de Mendicidade, que se acha em más circumstancias pecuniarias.

A Real Associação de Bombeiros Voluntarios do Porto offereceu á associação de bombeiros voluntarios d'esta cidade, um bello copo de prata, para figurar como prenda no bazar que pelo carnaval aqui teve lugar. Foi pena não ter vindo ainda a tempo de ser sorteado no referido bazar. Por este motivo ordenou o sr. barão de Fonte Bella, presidente da associação, que tanto aquelle objecto como alguns que a corporação tem obtido depois do bazar fôssem vendidos em leilão, o que se hade verificar amanhã, 1 de maio.

INCENDIOS NO PORTO DE 1 A 15 DE MAIO

1 de Maio. Ao meio dia. Rua de Carreiros, Foz do Douro. Propriedade e residencia de José Dias da Silva. Principio de incendio a que deu causa a imprevidencia d'uma creança. Foi extinto pelos visinhos e pela gente da casa. Compareceu o material e pessoal da Foz, e compareceram da cidade a bomba e carro dos bombeiros voluntarios.

1 de Maio. A's 9 horas da manhã. Rua da Porta do Sol n.º 15. Propriedade da Margarida da Silva occupada por José Balinha com estabelecimento de padaria. Principio de incendio extinto pelo inquilino e por um policia civil. As torres não deram signal.

6 de Maio. A's 5 horas da tarde. Rua do Sá da Bandeira n.º 53. Hotel Alliança, propriedade de Gonçalves & Telles. Principio de incendio dominado pela gente da casa. O predio tem seguro na *Tranquilidade*. As torres não deram signal. Compareceu o pessoal e material dos bombeiros voluntarios.

8 de Maio. A's 10 horas da manhã. Rua da Fer-

raria n.º 73. Primeiro andar occupado por Anna Rosa de Jesus. Principio de incendio que se manifestou n'uma roupa, sendo extinto pela gente da casa e pelos visinhos. Não foram chamados os soccorros publicos.

11 de Maio. A's 7 horas e meia da manhã. Corticeira. Propriedade de José Cardoso Luciano, occupada por José Antonio Monteiro, que alli tem estabelecido uma fabrica de moagem de enxofre. O incendio declarou-se no telhado, destruindo o travejamento e causando prejuizos em cerca de 100\$000 réis. Compareceram as bombas do districto e o pessoal e material dos bombeiros voluntarios. Trabalhou na extincção a bomba n.º 3. Os trabalhos terminaram ás 9 horas.

12 de Maio. A's 11 horas da manhã. Logar da Lomba, freguezia do Bomfim. Propriedade e residencia de Antonio Ferreira França. O predio que era uma pequena casa terrea, ficou bastante arruinado e destruido tudo o que encerrava, calculando-se os prejuizos em cerca de 50\$000 réis. Não tinha seguro. Foi a emprevidencia d'uma creança o que deu causa ao sinistro. Trabalhou na extincção a bomba n.º 7 e a ferramenta e carro dos bombeiros voluntarios que compareceu com o seu pessoal e material bem como o pessoal e material do districto.

12 de Maio. A's 4 horas da tarde. Ilha n.º 54. Monte de Salgueiros. Propriedade de José d'Oliveira, occupada por José Ribeiro, pintor. O fogo que se communicou do fogão ao tecto, causou insignificantes prejuizos, sendo de prompto extinto pelos visinhos. A casa tinha seguro na Confiança Portuense. A primeira bomba que compareceu foi a n.º 5, seguindo-se-lhe a bomba e carro dos voluntarios e o pessoal e material do districto.

INCENDIOS NAS PROVINCIAS

No dia um do corrente houve em Setubal um incendio na rua de Coima, n'um predio que ficou reduzido a cinzas deixando tambem muito damnificado os outros predios que lhe ficavam contiguos.

A gravidade do sinistro é attribuida á impericia e ao mau serviço dos bombeiros municipaes que não só trabalham sem methodo nem direcção, mas que tambem n'esse incendio provocaram por todos os modos os bombeiros voluntarios chegando a alagal-os, fazendo-os cahir.

Apenas á muita prudencia dos bombeiros voluntarios se deve o não ter o conflicto mais serias consequencias pois que a auctoridade policial não deu providencias algumas antes parecia dar rasão aos disculos.

Parece que a politica, a negregada, não é alheia a estas scenas. Sentimol-o deveras porque em face da humanidade afflicta devem cessar odios e rancores.

Bom será que não se repita o tristissimo caso e que bombeiros municipaes e voluntarios se capacitem de que o campo do trabalho e dedicacão é immenso e que n'elle ha logar para todos.

Em Braga, no dia 15 do corrente, pelas trez horas da madrugada, houve principio de incendio no estabelecimento dos srs. Cerqueira & Gonçalves, no largo da Lapa, sendo extinto sem o auxilio das bombas, causando insignificantes prejuizos.

Na tarde do dia 9 do corrente, em Guimarães, manifestou-se incendio no estabelecimento de linho da sr.^a Rosa Luiza Pereira Lopes, á rua Nova de Santo Antonio.

O incendio, que se recebeu tomasse grandes proporções, attenta a materia inflammavel em que principiou a lavar, foi rapidamente dominado, pela promptidão e acerto dos soccorros prestados pelas corporações de bombeiros municipaes e voluntarios. Os prejuizos foram relativamente insignificantes.

Pelas dez horas e meia da noite de 12 do corrente avistava-se em Penafiel para o lado da freguezia das Duas Igrejas, um enorme clarão: era um incendio que estava devorando a casa d'um pequeno negociante d'aquella freguezia e que fôra motivado pelo descuido de atirarem com uma vassoura de limpar o forno, em que tinham feito a cozedura do pão, para um quintal onde estavam dous carros de matto.

Não houve victimas, mas o pobre perdeu alli todos os seus haveres.

Cerca das 3 horas manhã de 13 do corrente, um terrivel incendio reduziu a cinzas a casa de quinta do sr. Eduardo Guerreiro, em Coimbra.

A quinta havia muito que só era habitada por um feitor, o qual se acha gravemente contuso, em virtude dos arrojados esforços que empregou para atalhar o fogo.

Pereceram no meio das chammas uma junta de bois, um cavallo, algumas centenas de gallinhas, patos, perús, etc. De tudo o que havia nas tulhas e adega, só resta um montão de entulho fumegante.

Os prejuizos calculam-se em alguns contos de reis.

Em uma das ultimas noites ardeu na freguezia d'Avintes, concelho de Gaya, uma casa que era habitada por Antonio Arruella e familia, ficando o predio completamente destruido e perdendo os moradores todos os seus haveres.

Varias noticias

Tendo a commissão academica das festas commemorativas do tricentenario de Camões convidado a Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto a fazer-se representar n'aquellas festas, foi nomeado, para tal fim, um piquete commandado pelo segundo patrão o sr. Arminio von Doelinger e composto dos srs. Luiz da Terra Pereira Vianna, Gaspar Pizarro Portocarero e Joaquim Adolpho de Magalhães Costa.

Os bombeiros voluntarios bisarramente recebidos em Coimbra retiraram-se summamente penhorados pelo acolhimento que lhes foi feito.

Partiu definitivamente para Lisboa o sr. Eduardo

de Sousa Pereira, da corporação dos bombeiros voluntarios d'esta cidade.

Depois do incendio do theatro de Nice, diversos vereadores das principaes cidades da França resolveram reclamar a installação nos theatros e outros edificios, da luz electrica e do telephone.

Instituiu-se como já tivemos occasião de noticiar, em Penafiel, uma associação de bombeiros voluntarios. Esta associação acaba de entregar na administração do concelho os seus estatutos para que subam á auctoridade superior.

Já terminou os seus trabalhos a commissão que na ultima assembléa geral da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto fôra encarregada de reformar os estatutos porque se rege aquella Associação.

Ao que nos consta vae reorganisar-se em Braga a companhia de bombeiros voluntarios a diligencias do sr. Antonio Joaquim Pereira de Moraes e Francisco José d'Araujo Guimarães, bem conhecido barbeiro d'aquella cidade.

Estimamos.

Uma commissão composta de diferentes cavalheiros de Penafiel tem andado a sollicitar varios donativos, n'aquella cidade, com o fim de levar a effeito a sua associação de bombeiros voluntarios.

Anda por quinhentos mil réis a somma já obtida.

Ha dias reuniram-se na casa da Associação commercial de Vianna, varios cavalheiros d'aquella cidade, afim de combinar os meios precisos para a organisação de um corpo de bombeiros voluntarios.

Depois de longa discussão, em que tomaram parte muitos dos individuos presentes, resolveu-se nomear uma commissão encarregada de proceder aos trabalhos preparatorios, a qual ficou composta da maneira seguinte: — Randolpho Rosmiro Correia Mendes, Antonio Adelino de Magalhães Moutinho, Ventura Malheiro de Menezes, Manoel José da Silva Couto e Sebastião da Silva Neves.

Consta-nos que a commissão já deu principio aos seus trabalhos e que procura com todo o zêlo desempenhar-se do honroso encargo que lhe foi conferido, estudando conscienciosamente o assumpto e informando-se dos modos mais praticos para a sua completa e immediata realisação.

O sr. Antonio José Ferreira, director da casa commercial que os srs. Fonseca & Araujo possuem em Vianna do Castello, fez distribuir a quantia de réis 150,000 pelas pessoas menos abastadas que mais se

esforçaram para debellar o incendio que no dia 23 d'abril se manifestou no seu armazem da rua do Caes, da referida cidade.

Segundo consta, a companhia seguradora contribuiu com 20 libras para este premio.

No dia 10 do corrente, pelas 8 e meia horas da noite, manifestou-se um grande incendio na vizinha cidade de Tuy, o qual mostrava tal intensidade que os reflexos das chammas vinham illuminar as muralhas de Valença, pondo por essa causa em alvoroço esta ultima povoação.

Correu então muita gente para o baluarte do Socorro, que fica fronteiro á Hespanha, e como o incendio tomasse cada vez mais incremento, alguns individuos lembraram-se de passar o rio e ir ajudar a extinguir o fogo, levando para isso a bomba municipal que obsequiosamente foi cedida pelo presidente da camara logo que lhe foi pedida.

Atravessando o Minho, e depois de muito custo, collocaram a bomba na estreita rua em que existia o fogo; os portuguezes trabalharam com energia e valentemente, conseguindo atalhar o incendio depois de algumas horas de grandes fadigas e mesmo de perigos imminentes.

Como na vizinha cidade de Tuy não ha o preciso material de incendio, o socorro dos portuguezes foi por assim dizer uma providencia porque sem elle as casas da rua estreita em que se deu o fogo seriam todas devoradas pelas chammas, entrando n'este numero a da camara municipal. Os hespanhoes assim o comprehendem, porque logo que se extinguiu o incendio, esmeraram-se em finezas e agradecimentos a todos os filhos de Portugal que tão a proposito acudiram a fim de atalhar o fogo, que tomara proporções enormes.

A commissão encarregada de promover donativos em favor da Associação de Bombeiros Voluntarios que se projecta crear em Vianna, conseguiu que a junta geral do districto votasse no seu orçamento a verba de 300\$000 réis com aquella applicação.

A commissão tem as maiores esperanças de que as companhias de seguros concorram tambem effizamente, assim como espera obter de muitos particulares os donativos precisos para montar e organizar todo o material indispensavel.

Por proposta do sr. Correia de Barros vereador do pelouro do incendio, foi concedida uma licença de 90 dias ao sr. Bernardo Pereira Pinto Soares, 1.º patrão da bomba, n.º 3, da companhia d'incendios d'esta cidade, para tratar da sua saude.

INCENDIOS NO ESTRANGEIRO

No principio do corrente em Leval-sous-Rougemont, França, pelas onze horas e meia da noite, um incendio destruiu em alguns momentos, duas casas cobertas de colmo. Entre os escombros, appareceram carboni-

sados, os cadaveres de uma creança de 3 annos e de um velho de 65.

Um habitante de Leval, anciando por salvar a criança, lançou-se ao fogo, mas era tarde. Não podendo avançar até á victima, ia a sahir, quando o tecto lhe desabou em cima. A muito se vingou salv-o.

As queimaduras que recebeu são horrosas: tem a pelle quasi toda levantada n'uma só empola!

Dizem de Panamá que ardeu grande parte da cidade de Buenaventura, elevando-se as perdas a 1:000 contos de réis.

No dia 7 de abril, foi destruida por um incendio a fabrica de tabacos, *La Industrial*, de Montevideu. As perdas foram avaliadas em 40:000 pesos.

Ardeu no alto mar o brigue italiano *Honore*, capitão Scarpa, que seguia de Ancona para esta cidade com um carregamento de enxofre. O sinistro deu-se trinta milhas ao mar do cabo de S. Vicente no dia 2 do corrente. A tripulação foi salva pelo patacho francez *Gustave Ainé* que a desembarcou em Setubal.

CONSELHO UTIL

As pessoas cujo trabalho é ao pé do fogo, principalmente as mulheres, estão mui sujeitas a que este se lhe pegue nos vestidos, o que tem sido causa de muitas mortes dolorosas.

A posição mais perigosa que então póde haver é a de se conservar em pé, porque a chamma tende sempre a subir, e mais perigoso é ainda sacudir o fogo, porque o vento que isto produz dá mais força á chamma.

Quando qualquer pessoa, estando só, se vir n'estas apertadas circumstancias, o que logo deve fazer, quando não haja outro remedio mais prompto, é deitar-se e rolar-se pelo chão: se o fogo não se extinguir assim de todo, pelo menos enfraquecerá muito a sua acção.

Este meio será tanto mais effizaz se houver á mão alguma cobertura de lã grossa, como um capote, um tapete, um cobertor, na qual embrulhando-se bem, e rolando-se pelo chão, conseguirá extinguir mui facilmente o fogo, e obstar no mesmo instante a maior perigo.

Chronica Quinzenal

Abrimos hoje esta chronica com uma noticia lugubre, noticia que não é uma novidade, mas que, por dever nosso, aqui a consignamos, como preito de homenagem.

Noticiamos a morte do duque d'Avila e de Bolama, uma personalidade illustre a quem o paiz deve serviços relevantes. Gastou toda uma vida, honrada e

trabalhosa, em engrandecer o nome da sua patria. Foi um portuguez leal e sincero, que se assignalou deveras nas luctas politicas, pela parte importante que n'ellas tomou.

Nascido do povo, elevou-se aos primeiros cargos, desempenhou as mais melindrosas commissões, dirigiu os destinos do paiz. Se não deu grande impulso ao desenvolvimento da nação, cooperou para auxiliar esse desenvolvimento. Conservador convicto, o seu plano politico pôde ser combatido pelos liberaes avançados, mas o que é certo, é que nunca o duque d'Avila em baração as aspirações mais arrojadas dos partidos liberaes. Mandou um dia fechar o Casino e oppoz-se aos enterramentos civis. Manias de velho conservador, catturices d'um espirito educado nas velhas regras do temor de Deus.

Não lhe queiramos mal por isso. Cedia á sua consciencia. Não era por hypocrisia que assim procedia; pensava que eram justas as suas opiniões, impunha-as, e não as reformava, por que lhe diziam que eram retrogradadas. Passava assim, estava no seu direito. Os que lhe succedessem no mando, que remedeassem essa obstinação.

Incontestavelmente o duque d'Avila foi uma personalidade illustre na politica do seu paiz. Militou ao lado de Rodrigo da Fonseca Magalhães e de José Estevão. A' eloquencia de tão preclaros e habeis politicos, oppunha os seus argumentos, as suas razões, a sua convicção. E, diga-se a verdade, junto de tão assignalados heroes, a sua figura nem porisso se perdia.

O paiz deve lhe muito; é, pois, dever de todos, lastimar a perda de quem, pela austeridade do seu caracter e pela honradez das suas intenções, soube ganhar um nome immaculado.

Paz á sua memoria.

O nosso esclarecido collega e amigo o sr. Emigdio d'Oliveira, director litterario do «Jornal de Viagens», celebrou, na sala de leitura do edefício da Bolsa, a sua conferencia, como socio da sociedade de Geographia Commercial, sobre a marinha mercante portugueza.

Não cabe nos minguados limites d'uma revista o resumo do trabalho do nosso collega. Sentimol-o bem, por que assumpto tão importante carecia ser vulgarisado, para proveito do commercio, e portanto, para a prosperidade do paiz.

O trabalho do sr. Emigdio d'Oliveira denota um estudo aturado, e um conhecimento vasto dos assumptos maritimos, uma erudição de cifras e nomes, que é tanto para admirar, quanto é certo que raros são os que entre nós se dedicam a estudos tão estereis.

E, em verdade, quando se tracta de desenvolver o commercio, de alargar a esphera do movimento marítimo. de procurar os processos mais apropriados para engrandecer e fomentar a riqueza publica, é preciso cuidar-se de navegação, por que é ella um dos principaes elementos para a conquista d'essa riqueza.

O sr. Emigdio d'Oliveira impoz-se o encargo de estudar este assumpto, de examinar as causas da decadencia da nossa marinha-mercante e de propor os meios de a melhorar ao ponto de poder servir para alguma coisa. Logrou, felizmente, resolver o problema; a sua memoria, basta de dados estatisticos, de valiosas considerações, de esclarecimentos importantes, vem esclarecer esta questão, tão antiga e tão nova, pela

simples razão de que sendo geral a opinião de que a nossa marinha é uma miseria, poucos são os que pensam em melhora-la.

Com certeza devem apparecer impugnadores; os armadores de navios, principalmente, não se conformarão com as opiniões do talentoso conferente. Trata-se de affectar velhos interesses, de combater prejuizos, de crear, de melhorar, de reformar, e isso é que não convem a muita gente.

Ha partidarios ainda da rotina; dão-se bem com ella. São os eternos caranguejos sociaes, que, mercê da actividade dos espiritos modernos, hão-de ser obrigados a fazer um *tour* espantoso, e andarem para deante, em lugar de retrogradarem.

Aquí exaramos as palavras finaes da brilhante conferencia do nosso amigo, a quem felicitamos pelo seu excellente e importante trabalho:

«Ao concluir estas considerações breves, mas que ainda assim representam uma consideravel perda de tempo para as pessoas que me ouviram, eu sou obrigado a confessar, posto que tardiamente, uma grande culpa minha.

Depois d'esta exposição de factos e de algarismos, do resumo das controversias estranhas e do estado geral da questão da marinha mercante, talvez no espirito dos cavalheiros que me escutaram se estabelecesse a convicção de que principalmente no Porto ha alguma coisa a estudar n'este sentido.

A verdade, porem, é que entre nós tal problema não existe. Para que tivéssemos uma marinha mercante qualquer —era necessario termos uma barra e agua sufficiente em o nosso rio. Mas toda a gente sabe que os navios pairam muitas vezes fóra da barra, 6, 8 e 10 dias, á espera que as aguas do rio estejam em condições favoraveis de os receber; vasos de grande capacidade não podem entrar no porto e o rio ameaça, dentro em pouco, ser apenas navegavel até Massarelos. Ora n'estas circumstancias não ha, pois, para a nossa praça assumpto de queixa ou de regosijo, respeitante á industria das construcções navaes e á navegação em geral. Sem agua não ha marinha possivel e, continuando os armadores, os commerciantes, os banqueiros e os industriaes do Porto em completa desharmonia quanto á maneira como se devem realizar os melhoramentos essenciaes á creação de uma marinha nacional —é certo que as questões de marinha terão, dentro em pouco, para nós, apenas a importancia que ellas actualmente teem para Braga ou para Vizeu. Obtenham os nossos armadores todos os subsidios e proteções imaginaveis que nem por isso haverá mais um palmo de agua na barra do nosso rio.

Parecia-me, pois, mais rasoavel que o esforço commum, de todos aquelles que se empenham seriamente pela prosperidade do nosso commercio, devia convergir, primeiro que tudo, para o melhoramento das condições em que a navegação se effectua.

Não temos agua no rio, nem uma barra, ou porto de abrigo, não temos um dique, nem um molhe, nem ancoradouro soffrivel e sem o conjuncto d'estes predicados, não ha navegação nem marinha digna e respeitavel.»

Fallemos agora de theatros, que esta quinzena foi fertil em novidades.

Vamos pela ordem chronologica.

O theatro Baquet deu-nos um drama em 4 actos

Os Jesuitas, extrahido d'um romance, segundo uns aproveitado d'uma chronica, segundo outros. Vae-se a ver, não é nem mais nem menos do que uma traducção, pouco cuidada, d'uma peça italiana, de que ninguém fez caso algum.

Os Jesuitas é um drama mal feito, sem cuidado na architectação, sem largueza de acção, sem vida nos dialogos, sem verdade nos personagens. Temos cá melhor. *As Victimas e Algozes*, do fallecido escriptor Urbano Loureiro, o *Missionario*, de Antonio Correia, e os *Lasaristas*, de Antonio Ennes, valem, como trabalho dramático e litterario, muito mais do que a peça do dramaturgo italiano.

No theatro, um dos dramas, que pelos elementos que conseguiu grupar tão artisticamente, obteve um exito completo, foi os *Apostolos do mal*, de Ferdinand Faniot, traduzido a primor por Agostinho Albano. Aprendia-se vendo essa peça; ministravam-se umas noções de historia, apresentavam-se personagens acabados, perfectos, que diziam umas coisas que calavam no animo de quem as ouvia.

Os Jesuitas, não tem nada d'isso. No 4.º acto, um padre rapaz, muito avançado, descompõe um pobre diabo de provincial de jesuitas, que, sem se saber como, apparece em casa d'uma tia d'esse padre. A descompostura, não a fez o dramaturgo; fal-a os pulmões do actor! O publico, que ouve uma berraria enorme, que vê o jesuita alcunhado de *assassino da consciencia, de vampiro*, e de outras bombas rethoricas, applaude com um largo gesto de satisfação, e berra com o actor contra o desgraçado padre, que, collado ao soalho, ouve, de olhos baixos, a *tirada* monstrosamente rethorica!

Nem como peça da occasião o drama pôde admittir-se.

O desempenho foi intelligente, devendo destacar-se Maria Carolina, que apesar de fóra do seu genero, disse com toda a correcção o seu papel, Luciano, que apresentou um excellent padre liberal, e José Ricardo, que mais uma vez provou o seu talento.

Emilia Eduarda, com toda a sua intelligencia, não pôde salvar o seu papel, traçado com uma imperfeição de principiante na arte.

No Principe Real representou-se, depois de repetidos addiamentos, a opera-comica *O doctor Piccolo*, traducção do *Pompon*.

Esta producção, reúne todos os requisitos para agradar; abunda em scenas equivocas, em phrases bregeiras, em scenas extraordinariamente comicas; tem um grande movimento de scenas, typos burlescos, vestuario apparatuso, musica scintillante, facil, travessa como tão expontaneamente a produz Lecocq, o afamado maestro parisiense.

A primeira representação correu um tanto precipitada; incerteza, pouca afinação, e d'ahi, a indifferença com que foi ouvida a deliciosa opereta. Nas subsequentes representações, o desempenho foi mais regular, os coros ajustaram-se, a desordem mudou-se em ordem, e hoje a opereta pôde ser vista, na certeza de que o espectador não dará por mal empregado o seu tempo.

Não nos deteremos em analysar o libretto; é elle por de mais conhecido, para que entremos n'uma apreciação que poderia ser prolixa. Do desempenho diremos que foi regular, distinguindo-se Thomasia Velloso que cantou muito afinadamente uns trechos, e Foito, que apresentou um excellent typo, sustentando-o perfeitamente.

Manzoni, com franqueza, não foi muito feliz. Não basta cantar bem, é necessario representar tambem, pelo menos com certa verdade. Esperamos vel-a em outro papel, que estude melhor.

Gama, um actor de provado merecimento, deu um vice-rei, se não como Chivot e Duru o phantasiaram, ao menos como pôde, e já não fez pouco, por que este distincto artista, que tanto se affirma no drama, na opera comica não tem occasião de patentear os seus recursos.

Os restantes artistas, regularmente.

A peça foi posta em scena com todo o esplendor de guarda-roupa.

Hoje, que cessaram as vacillações manifestadas na primeira recita, a peça tem agradado muito.

Rosa Miguel, é o titulo d'um drama em 5 actos, de Ernesto Blum, que está em scena no Baquet.

É um trabalho dramático de bastante merecimento, e que authentica o talento do seu auctor e o conhecimento que tem das coisas de theatro. A acção está bem conduzida, e os personagens correctamente desenhados.

O desempenho é bom. Emilia Adelaide vence com grande intelligencia todos os obstaculos que se lhe antepõem, e representa com uma verdade e uma correcção notáveis.

Luciano, posto sacrificado no seu papel, diz bem, com expressão, com cuidado, dando á voz e ao gesto a aspereza e o desmando do homem duplamente mau pela má educação e pela sua indole. No 2.º acto, a scena com Emilia Adelaide é perfeita, e no 4.º acto, no gabinete do juiz, diz todo o seu papel com uma grande comprehensão.

Maria Carolina, apesar de contrariada, diz com toda a intelligencia e correcção. É uma artista de muito merecimento.

José Ricardo, por igual, muito bem, e de Pires diremos o mesmo.

O drama possui condições para agradar, e merece ser visto.

Neste theatro ensaiam-se as seguintes peças:

O abysmo de Bessac, drama em 5 actos, traducção de Eduardo Garrido.

O asno e o arrollo, comedia n'um acto, de Musset, traduzida pelo dr. Elmano da Cunha.

A primeira nuvem, comedia n'um acto original de Firmino Pereira.

Esta comedia foi já representada, com muito exito, no Palacio de Crystal, tendo por interpretes a exc.^{ma} sr.^a D. Corinna da Cruz Fernandes, e os srs. Antonio Cruz e Carlos d'Almeida, distinctos amadores.

A comedia está distribuida a D. Maria Carolina, (Adelia) Luciano (Arthur) e José Ricardo (creado).

O actor Alvaro acha-se escripturado n'esta companhia, devendo estreiar-se proximoamente no drama *As duas orphãs*.

A companhia transferiu-se temporariamente para o theatro de S. João, a fim de dar logar a que se concluem as obras do Baquet.

Ensaiam-se tambem os dramas *A Princeza de Bagdad* e a *Morgadinha de Valflor*, desempenhando os principaes papeis Emilia Adelaide e Alvaro.

Hoje deve representar-se o *Tuti-li-mundi*, revista do anno, escripta por Argus, o pseudonimo d'um jornalista lisbonense.

Veremos e diremos.

14 de maio de 1881.

S. H.